

PEDAGOGIA HOSPITALAR: ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO EM CLASSE HOSPITALAR¹

HOSPITAL PEDAGOGY: PEDAGOGICAL FOLLOW-UP IN HOSPITAL CLASS

Caroline Alves Fé em Deus²
Jaqueline Cristina de Sousa³
Janaina de Souza⁴

RESUMO: Este artigo tem por objetivo conceituar a pedagogia hospitalar e as classes hospitalares, bem como compreender como ocorre o acompanhamento pedagógico neste ambiente, com foco principal no tipo de atendimento na unidade Cuiabá/MT. Nesse processo, pretendem-se verificar quais são as maiores dificuldades e desafios encontrados para se trabalhar com essa especificidade educacional. Neste percurso, realizou-se a pesquisa em lócus por meio de abordagem qualitativa interpretativa, embasada nos autores Fonseca (2003) e Fontes (2005) na intenção de responder a seguinte questão: Por que, mesmo com amparo legal há mais de 20 (vinte) anos, em Cuiabá se encontram poucas “classes hospitalares” preparadas para o atendimento pedagógico para as crianças e adolescentes hospitalizados?

Palavras-chave: Pedagogia hospitalar. Classe hospitalar. Acompanhamento pedagógico.

ABSTRACT: This article aims to conceptualize hospital pedagogy and hospital classes, as well as to understand how pedagogical monitoring occurs in this environment, with a main focus on the type of care in the Cuiabá/MT unit. In this process, we intend to verify what are the biggest difficulties and challenges encountered in working with this educational specificity. In this way, the research was carried out in locus through an interpretative qualitative approach, based on the authors Fonseca (2003) and Fontes (2005) in order to answer the following question: Why, even with legal support there are more than 20 (twenty) For years, in Cuiabá there are few “hospital classes” prepared for pedagogical care for hospitalized children and adolescents?

Keywords: Hospital pedagogy. Hospital class. Pedagogical monitoring.

¹Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da turma PDN12/1 do curso de Pedagogia do UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande.

² Licenciada em Pedagogia, promovida pelo Centro Universitário de Várzea Grande- UNIVAG. Ano 2015 / Especialista em Psicopedagogia. Promovida pela Faculdade SEDAC. Ano 2017. E-mail: carolalves9256@gmail.com.

³Especialista em Gestão Pública Administrativa. Ano 2017. Promovida pela Faculdade Integradas de Várzea Grande FIAVEC / Especialista em Educação Especial Inclusiva. Ano 2019. Promovida pela Faculdade Impactos Brasil FACIB / Tecnólogo em Gestão Pública. Ano 2015. Promovida pela Faculdade Norte do Paraná UNOPAR / Licenciatura em Pedagogia. Ano 2018. Promovida pela Faculdade Integradas de Várzea Grande FIAVEC / Licenciatura em Artes Visuais. Ano 2022. Promovida pela Faculdade Educamais. jaqueline.c.sousa@hotmail.com.

⁴Licenciatura em Artes Visuais. Ano 2021. Promovida pela Faculdade Claretiano - Centro Universitário. jjannaina.ss@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A educação tem um importante papel como mediadora das transformações sociais. O processo de modificação da sociedade faz com que se amplie e modifique constantemente, e a pedagogia hospitalar vem para ajudar nessa transformação dando suporte pedagógico às crianças e adolescentes que estão internados e impossibilitados de frequentar o ensino regular.

A partir da década de 90 os órgãos públicos no Brasil começaram a inserir a pedagogia hospitalar nas políticas públicas de educação, dessa forma, esta vem adquirindo um papel fundamental dentro do processo educacional, pois se configura numa modalidade de ensino que tem como proposta acompanhar crianças e adolescentes em situações de ausência da escola, devido a uma doença ou tratamento médico prolongado dentro do hospital.

A pedagogia hospitalar ganha enfoque, com a preocupação em fazer com que as crianças internadas não percam conteúdos escolares. Para isso, torna-se extremamente necessária a implantação de classes hospitalares que possam atender a demanda de crianças e adolescentes que precisam deste serviço especializado.

O objetivo das classes hospitalares é dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, considerando os aspectos emocionais. Por isso, o pedagogo hospitalar atua acompanhando as necessidades pedagógicas do aluno/paciente. Atualmente, assiste-se a uma crescente demanda de crianças hospitalizadas que necessita de atendimento escolar, fazendo-se necessário, então, o conhecimento científico e teórico a respeito do tema proposto.

Para o aprofundamento teórico, apoiou-se em pesquisa bibliográfica embasada principalmente em Fonseca (2003) e Fontes (2005). Para conhecimento da realidade realizou-se uma pesquisa de campo por meio de entrevista semiestruturada dirigida a duas pedagogas que atendem na área hospitalar, no sentido de levantamento de dados para análise qualitativa para compreensão do problema da pesquisa: Por que, mesmo com amparo legal há mais de 20 (vinte) anos, em Cuiabá se encontram poucas “classes hospitalares” preparadas para o atendimento pedagógico para as crianças e adolescentes hospitalizados?

Com a pesquisa, observou-se que o baixo índice de classes hospitalares em Cuiabá, ocorre porque os hospitais não contam em seu ambiente com um espaço físico apropriado para este atendimento, segundo a fala das entrevistadas.

A área hospitalar não poderia deixar de ser mais um espaço ehm que seja possível educar e levar a oportunidade para aqueles que no momento estão com alguma enfermidade que os impossibilita de estar na sala de aula. Com amparo legal de que a educação de qualidade é direito de todos.

A pedagogia hospitalar também deve possibilitar o acompanhamento pedagógico aos alunos/pacientes como um suporte para continuação do ensino, amparados por lei que garantem e validam a sua existência como a Constituição Federal (1988), ao afirmar que todos merecem e tem o direito de estudar.

O surgimento da Pedagogia hospitalar

Segundo Esteves (2008), a pedagogia hospitalar iniciou-se em 1935, quando Henri Sellier inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas nos arredores de Paris, atendendo cerca de 80 crianças hospitalizadas por mês. Seu exemplo foi seguido na Europa e nos Estados Unidos, tendo o objetivo de suprir as necessidades de crianças tuberculosas.

1020

Um fato decisório considerável das escolas em hospitais foi a Segunda Guerra Mundial, porque houve uma enorme quantidade de crianças e adolescentes atingidas, mutiladas e impossibilitadas de ir à escola.

No ano 1939, conforme Esteves (2008) é criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada, localizada na cidade de Suresnes, na França, com o objetivo de formação de professores para o trabalho em institutos especiais e hospitais. Desde então, o centro tem formado professores para o atendimento escolar hospitalar. A duração do curso é de dois anos e até hoje continua formando professores para as classes hospitalares.

No Brasil, para Fonseca (1999), esta prática pedagógica iniciou-se na década de 1950, no Rio de Janeiro, no Hospital Escola Municipal Menino Jesus que ainda mantém, até hoje, suas atividades para crianças e adolescentes internados. Em sua maioria, esse tipo de atendimento decorre do convênio firmado entre as Secretarias de Educação e de Saúde dos Estados, mas existem classes hospitalares resultantes da iniciativa de entidades filantrópicas e universidades.

Em Cuiabá, segundo a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), o projeto começou em 2003 na (AACC-MT) Associação de Amigos de Crianças com Câncer de Mato Grosso. No Hospital Júlio Müller, a classe hospitalar teve início no ano de 2004 e na Santa Casa a mesma foi inaugurada em 2006. Outro hospital que conta com classe hospitalar no município é o Hospital de Câncer de Mato Grosso.

Conceituando a Pedagogia Hospitalar

A pedagogia hospitalar recebeu esta denominação devido ao elo de comunicação que existe entre as equipes de saúde e a criança ou jovem enfermo com necessidades de acompanhamento pedagógico, para que seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem não seja prejudicado pelo seu afastamento do ambiente escolar.

Consta no Estatuto da Criança e do Adolescente hospitalizado, que os mesmos têm: “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. Nessa perspectiva, a relação e o contato humano tornam-se essenciais, e diante da importância dessa questão, é que o Ministério da Saúde, em 2001, divulgou o documento chamado (PNHAH) Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar que:

[...] oferece uma diretriz global que é congregar os projetos de humanização desenvolvidos nas diversas áreas de atendimento hospitalar. É fundamental a sensibilização dos dirigentes dos hospitais para a questão da humanização e para o desenvolvimento de um modelo de gestão que reflita a lógica do ideário deste processo: cultura organizacional pautada pelo respeito, pela solidariedade, pelo desenvolvimento da autonomia e da cidadania dos agentes envolvidos e dos usuários (2001, p. 12).

É, portanto, necessário que a humanização faça parte desse ambiente, como respeito à vida de cada pessoa, adotando uma postura ética que leve em consideração a fragilidade física e emocional do enfermo, e que vise a uma maior qualidade no atendimento dos hospitais. A pedagogia hospitalar é capaz de promover um elo da criança e do adolescente hospitalizado com o mundo que fica fora do hospital. Um ambiente que poderia ser frio e desconfortante pode ser transformado com a vinda da pedagogia hospitalar.

As Classes Hospitalares

A concepção de classes escolares em hospitais é consequência da importância formal de que crianças hospitalizadas, independentemente do período de permanência no

estabelecimento, têm necessidades educativas e direitos de cidadania, onde se abrange a escolarização. Callegari (2003, p. 78), afirma que:

As crianças mantêm o elo com o mundo lá fora e desfrutam do direito ao desenvolvimento pleno, independente de suas especificidades, assim a criança aprende com, e através da doença, minimizando os efeitos negativos causados pela internação.

Dessa maneira, a classe hospitalar deve promover uma melhor qualidade de vida, sendo uma questão social, vista com seriedade e responsabilidade. Estende-se à família, buscar a recuperação, a socialização da criança por um processo de inclusão, dando continuidade a sua aprendizagem. Dessa forma, considera-se uma alternativa para uma recuperação mais rápida e promissora.

Nessa perspectiva Fonseca (2003, p. 17), afirma que:

A criança hospitalizada, assim como qualquer criança, apresenta o desenvolvimento que lhe é possível, de acordo com uma diversidade de fatores com a qual interage e, dentre eles, as limitações que o diagnóstico clínico possa lhe impor. De forma alguma podemos considerar que a hospitalização seja, de fato, incapacitante para a criança. Um ser em desenvolvimento tem sempre possibilidade de usar e expressar, de uma forma ou de outra, o seu potencial.

De acordo com a autora, a classe hospitalar apresenta alternativas que podem estar contribuindo para que a criança, quando hospitalizada, seja vista em sua totalidade com suas necessidades e interesses atendidos, com o intuito, de que sua recuperação seja minimizada. É importante ressaltar que a educação ofertada no ambiente hospitalar deve adequar-se ao momento em que a criança está vivendo, os métodos e recursos devem ser diferenciados daqueles utilizados em salas regulares de ensino, mas devem dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem do qual está temporariamente afastada.

Amparo Legal

No Brasil, a atuação das classes hospitalares visa a dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e jovens hospitalizados, não desconsiderando seus aspectos emocionais. Mas seu campo de atuação ainda é pequeno atualmente, pois muitas pessoas desconhecem esta classe. A partir do que determina a Constituição Federal (1988), pode-se entender que o direito à educação é de todos e para todos, em quaisquer circunstâncias que esteja e que necessite. Consoante às diretrizes da LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei. 9.394/96), a educação também é considerada direito de todos da seguinte maneira:

Art. 2º. A educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas.

Pode-se verificar que os artigos estão fundamentados na Constituição Federal de 1988, porém, observa-se que a LDB informa de uma maneira mais detalhada como a educação para todos deve ser feita e em quais bases.

A educação, segundo propõe o Art. 205 da Constituição Federal (1988), constitui direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Destaca-se também, no Art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL. ECA, 1990).

O Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) foi fundado em 1995 e o mesmo no item 9 estipula: “ A criança e o adolescente tem o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

Em 1996, a legislação em vigor recebe o expressivo reforço da LDB que no artigo V, prevê que: “O atendimento educacional será efetivado em escolas, classes ou serviços especializados, sempre que em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”.

Diante de todo esse amparo legal que assegura o direito à educação, inclusive dentro dos hospitais, ressalta-se ainda que nem sempre o que consta nos documentos se concretiza realmente na prática, pois há uma relativa distância entre o que é promulgado e as reais ações que buscam um efetivo atendimento com qualidade e acesso para todos que necessitam.

Atuação do pedagogo no acompanhamento pedagógico hospitalar

O trabalho do pedagogo no hospital é de grande importância, pois possibilita atender as necessidades pedagógicas das crianças e jovens. Precisa ser desenvolvida com criatividade, persistência e muita paciência para atingir os objetivos com êxito, pois:

A pedagogia hospitalar apresenta várias formas de atuação, visto que o conhecimento pode contribuir para o bem-estar físico, psíquico e emocional da criança internada. “O hospital é, inclusive, segundo definição do Ministério da Saúde, um centro de educação.” (FONTES, 2005, p. 121).

Quanto ao acompanhamento pedagógico destacam-se: 1) crianças com internações eventuais, quando o pedagogo irá trabalhar com tarefas que envolvem assuntos nos quais as crianças apresentam dificuldades, 2) crianças com internações extensas, momento em que será possível ao profissional planejar um trabalho que implique continuidade. Tendo em vista as duas formas de acompanhamento, o pedagogo hospitalar terá que elaborar projetos que integrem a aprendizagem, de maneira específica para crianças hospitalizadas.

Como afirma Fontes (2005, p. 26 e 27), o professor precisa também ser um pesquisador em sua área, ou seja, ele deve estar constantemente pensando, refletindo, investigando, produzindo conceitos. Ele precisa, ainda, estar envolvido nas questões de saúde, como verificar prontuário médico, pesquisar sobre as enfermidades que acometem seus alunos, para que assim possa explicar para a criança sobre a nova rotina que ela terá que seguir, além de poder auxiliar os pais nas possíveis dúvidas sobre o tratamento de seus filhos, mas, nunca se excedendo ao seu papel de educador assim o planejamento precisa ser flexível.

Segundo Vieira (2011, p.1), dentro do hospital estão sob a responsabilidade do pedagogo as seguintes modalidades:

- 1) Prática multisseriada: nela o pedagogo utiliza um espaço na ala de pediatria como sala de aula. Os alunos são agrupados por ciclo/série com aulas simultâneas;
- 2) Prática individual de leito: o trabalho realizado no serviço de emergência clínica busca dar continuidade aos estudos das crianças em internação com o objetivo de garantir o direito à continuidade escolar;
- 3) Situação de isolamento: este atendimento é realizado na infecto pediatria. Nesses casos há necessidade de paramentos e desinfecção do professor e dos materiais a serem utilizados;
- 4) Classe Hospitalar: a mais comum refere-se à escola no ambiente hospitalar, atende casos de longo tratamento ou em casos de imunidade;
- 5) Recursos diversos: brinquedoteca, decoração do ambiente, oficinas, orientação familiar, projetos, entre outros.

O professor, neste espaço, ocupa um papel de grande importância, pois através de sua interação e afetividade com o aluno/paciente mostrará para ele como o hospital pode se

tornar um espaço de alegria e descontração, levando-o a estar mais perto do seu mundo fora do ambiente hospitalar, deixando a internação menos cansativa, exaustiva e triste.

Coleta de dados e análise dos resultados

Em busca de uma resposta para o pequeno índice de classes hospitalares preparadas para o atendimento pedagógico de crianças/adolescentes hospitalizados, essa pesquisa caracterizou-se como qualitativa com a interpretação descritiva dos dados.

O *locus* privilegiado para o estudo foi a (AACC-MT) Associação de Amigos de Crianças com Câncer de Mato Grosso, e os sujeitos escolhidos foram duas professoras de classes hospitalares, denominadas Ana e Joana (pseudônimos utilizados para manter sigilo da identidade das entrevistadas).

| Sujeitos | Formação | Tempo de atuação a AACC-MT |
|----------|---|----------------------------|
| Ana | Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia | 5 Anos |
| Joana | Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia e Educação especial | 3 Anos |

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com quatro questões, as mesmas se encontram no apêndice A. A entrevista ocorreu na AACC-MT no dia 14 de maio de 2015 às 08h30m simultaneamente com as duas professoras, e as narrativas foram redigidas pelas pesquisadoras e os termos de consentimento livre e esclarecido se encontram no apêndice B e C. A associação está localizada na Rua do Caju, nº 369, no Bairro Alvorada, município de Cuiabá MT. Para indicação da fala das entrevistadas, optou-se pela transcrição em *itálico* para diferenciação e identificação das mesmas.

Por meio das narrativas das professoras constatou-se a necessidade de uma prática pedagógica flexível, quando se trata da pedagogia hospitalar, bem como compreensão na condução do processo, *“pois para enfrentar os desafios o planejamento deve ser desenvolvido com temas geradores e recursos individualizados”*.

Como afirma Fontes (2005, p. 26 e 27), o professor deve também ser um pesquisador em sua área, ou seja, ele precisa estar constantemente pensando, refletindo, investigando, produzindo conceitos.

Quanto ao acompanhamento pedagógico as professoras consideram de suma importância a afetividade desde o acolhimento, *“pois o acolhimento é a construção de vínculos afetivos e isso ajuda muito o paciente nesse ambiente.”*

Para Fonseca (*apud* Revista Crescer 2003, p. 58), “a sala de aula do hospital é a janela por onde a criança se conecta com o mundo”. Um ambiente que poderia ser frio e desconfortante pode ser transformado com a vinda da pedagogia hospitalar.

No que se refere aos problemas e desafios, as professoras prontamente responderam que: “1) a maior dificuldade está relacionada em lidar com a morte; 2) falta de reconhecimento da classe hospitalar e do pedagogo hospitalar”. Para as professoras essa falta de (re)conhecimento da classe hospitalar e do pedagogo hospitalar é um dos fatores que vão ao encontro de uma possível resposta ao problema suscitado neste estudo. Entre outros encontram-se a falta de materiais pedagógicos necessários para essa realidade.

Quanto ao baixo índice de hospitais que atendem nessa modalidade, as professoras expressam a dificuldade quanto ao espaço físico no ambiente hospitalar. De acordo com a técnica da Educação Especial da SEDUC, a classe hospitalar é essencial e deveria existir pelo menos uma em cada hospital. “Com a ação, estamos diminuindo a evasão escolar e humanizando o atendimento prestado pelo hospital, promovendo a interação social entre as crianças”, esclarece. A professora ainda afirma que, para implantar a classe hospitalar, em parceria com a SEDUC, o hospital precisa enviar projeto para a Secretaria, que poderá viabilizar recursos humanos e também financeiros.

Com o panorama das respostas foi possível compreender na perspectiva dessas professoras que a pedagogia hospitalar e o acompanhamento pedagógico em classes hospitalares são de grande importância para o desenvolvimento dos educandos impossibilitados de frequentar as aulas regulares, até porque é um direito de todos, contudo ainda há necessidade de conscientização social e apoio político para uma situação mais adequada tanto para os profissionais da educação como para os alunos pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa pode-se considerar e compreender que a pedagogia hospitalar é muito mais que uma modalidade de ensino, pois se revela como uma oportunidade de expressar carinho e atenção, então a classe hospitalar por meio do pedagogo garante ao educando hospitalizado a continuidade aos seus estudos mantendo-o motivado à aprendizagem.

A falta de continuidade no currículo escolar do educando ocorre pelo fato de que muitos hospitais não terem um espaço físico apropriado, ou pela falta de um pedagogo para

atender às crianças internadas, ou até mesmo porque o ambiente hospitalar não conta com os materiais pedagógicos necessários para esse tipo de atendimento.

Diante disso, buscou-se demonstrar por meio desta pesquisa a importância da classe hospitalar e do pedagogo hospitalar na reintegração da criança/adolescente hospitalizado, ressaltando a necessidade de discussões, aprofundamento e pesquisas que envolvam essa temática, a fim que se possa divulgar essa modalidade tão necessária as nossas crianças/adolescentes, e também como uma possibilidade a mais de atuação profissional do pedagogo.

REFERÊNCIAS

ASSESSORIA-SEDUC/MT. **Seduc oferece educação para crianças internadas.** 2005. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Seduc-oferece-educacao-para-criancas-internadas.aspx>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pnhahoi.pdf>> Acesso em: 15 maio 2015.

BRASIL. CONANDA (1995). Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da /criança e do Adolescente. Resolução nº41 de 13 de outubro de 1995. Brasília, DF, 1995.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%E7ao.htm>. Acesso em: 15 Maio.2015

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente Hospitalizado. Resolução nº41 de outubro de 1995, item 9.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. Lei Federal 8069/90 de 13 de Julho de 1990.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96.

CALEGARI, Aparecida M. As Inter-relações entre Educação e Saúde: Implicações do Trabalho Pedagógico no contexto Hospitalar. Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM, 2003.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico.** On Line. Disponível em <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/pedagogia%20hospitalar...> pdf. Data de acesso: 15 maio 2015

FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. São Paulo: Memnon, 2003. Revista Brasileira de Educação, nº 29. Rio de Janeiro, maio/agosto 2005. Disponível: www.scielo.br. Acesso em: 15 maio 2015.

FONSECA, Eneida Simões da. **Classe hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados.** In Revista Temas sobre Desenvolvimento, V.8, Nº 44, São Paulo: Memnon, pp. 32-37, 1999.

FONTES, Rejane. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital.** 2005

VIEIRA, Vanessa. **O pedagogo em espaços não escolares.** Disponível em: <http://redeeducacaoemfoco.blogspot.com.br/2011/04/o-pedagogo-em-espacos-nao-escolares.html/> acesso em: 15 maio 2015